Patricia Leite
Travessia
05 setembro – 10 outubro, 2026

A nuvem rosa de Paris

O olhar de Patricia Leite é daqueles que contaminam. Quando ela pede a seus amigos que lhe enviem fotografias que possam servir de inspiração para suas pinturas, não se trata de adotar o ponto de vista deles, mas de compartilhar com eles sua maneira de olhar o mundo. Como sua obra é uma daquelas com as quais eu vivo e penso, muitas vezes a visão de um céu ao amanhecer, de um galho cortando o céu, de uma espreguiçadeira abandonada em um terraço me fazem pensar nela, mesmo que eu não esteja entre aqueles e aquelas que lhe enviam suas imagens.

No início dos anos 1980, Patricia Leite participou de um movimento de retorno à pintura que atravessou o Brasil e o mundo. Sua pintura desse período revela influências que vão de Klee a Volpi. Abstrata, orgânica e gestual, sua pintura aproxima-se do conceito de 'geometria sensível', frequentemente utilizado para caracterizar a produção construtivista na América Latina[1].

Em seguida, Patricia Leite desapareceu da cena artística durante quinze anos para se dedicar à invenção de uma linguagem verdadeiramente sua. Instalou seu ateliê em casa, com grandes janelas abertas com vista para a montanha e para a cidade de Belo Horizonte. Algumas pinturas desse período testemunham a passagem progressiva da abstração à imagem, mas, sobretudo, do aparecimento de um ponto de encontro entre o mundo, a pintura e aquela que pinta.

A obra emblemática dessa chegada ao ponto de inflexão de seu trabalho data de 2003 e se chama *Barnett Newman*. Sobre um painel de madeira não tratado, Patricia Leite aplica inúmeras camadas de tinta a óleo diluída até obter uma cor profunda, que parece iluminada por dentro. O terço inferior da tela é amarelo claro, separado da parte superior azul celeste por um dégradê de azuis mais escuros. As linhas que delimitam cada elemento são ligeiramente irregulares.

A verticalidade espiritual e interior de Barnett Newman tornou-se uma linha do horizonte, suas superfícies esotéricas, uma praia esmagada pelo sol, sua gestualidade, as irregularidades que dão vida ao mundo natural. Patricia Leite devorou Barnett Newman - e todos os outros com quem aprendeu – para, em seguida, desaprender. Ela inventou seu próprio espaço na pintura, conseguindo combinar questões formais e perspectiva existencial.

Ao horizonte igual da praia, sobrepõem-se um ramo de palmeira que despenca em primeiro plano, a espuma das ondas ou rochas. A composição deixa sempre muito espaço livre para grandes planos de cor e para as formas: luas, pássaros ou estrelas, que evocam mais do que representam, surgem raramente no centro da pintura. Passamos da aurora ao crepúsculo, do crepúsculo à noite.

[1] Essas informações provém do texto de Rodrigo Moura, "*Feira Moderna – As Pinturas de Patricia Leite*", in Patricia Leite, *Olha pro céu, meu amor*, Editora Cobogó, 2019.

Patricia Leite
Travessia
05 setembro – 10 outubro, 2026

Patricia Leite utiliza a cor como um significante. É ela que sustenta a carga emocional da pintura. É pela cor que Patricia Leite consegue apreender os momentos mais fugazes e mais lancinantes - aqueles que gostaríamos de lembrar quando é sempre tarde demais.

Faz todo sentido que a obra de Patricia Leite seja apresentada em Paris, na Place des Vosges, porque ela me parece ter muito em comum com a de Marcel Proust, um dos escritores que melhor descreveu a cidade. Proust, que construiu seu trabalho com base na memória involuntária, e expressou melhor do que ninguém o prazer que não está nem no presente nem no passado, mas no encontro fortuito entre os dois. Algo que, comum ao passado e ao presente, é muito mais essencial do que ambos. "*Mas essa descoberta que a arte poderia nos obrigar a fazer, não seria, no fundo, a do que temos de mais precioso, e que habitualmente permanece ignorado de nós para sempre, nossa verdadeira vida, a realidade tal como a sentimos e que difere tanto daquilo em que acreditamos que somos tomados de uma felicidade imensa quando o acaso nos traz dela a verdadeira lembrança?*[2]."

As obras de Patricia Leite possuem justamente a capacidade de nos conectar a tais epifanias – prazerosas e comoventes ao mesmo tempo. Os lusófonos chamam isso de saudade, e Fernando Pessoa é seu poeta incontestável: "*Passo numa rua. De uma padaria sai um cheiro a pão que nauseia por doce no cheiro dele : e a minha infância ergue-se de determinado bairro distante, e outra padaria me surge daquele reino das fadas que é tudo que se nos morreu*[3]."

Os tons de rosa do céu de *Minguante | Waning 2026*, (todas obras deste ano), assim como a aurora rosa e cinza de *Travessia II | Crossing II*, a tarde azul das *17 : 00 horas*, funcionam como conectores entre a memória da artista e as nossas.

Patricia Leite é brasileira, e sua obra reflete isso tanto em sua história quanto em seus temas[4]. Quando pinta Paris, *Nuvem rosa de Paris| Paris Pink Cloud*, ou a Capela do Rosário em Vence, Vitral (*inspirada na Capela do Rosário*), ela os pinta do mundo onde ela moldou seu olhar, ela sempre os pinta de Belo Horizonte.

– Anne Pontégnie

[2] Marcel Proust, *Em Busca do tempo Perdido, O Tempo Redescoberto*, volume 7, trad.
[3] Fernando Pessoa, *O Livro do Desassossego*, Companhia das Letras, 2023.
[4] Sobre esse assunto, a citação de Tom Jobim utilizada por Rodrigo Moura no texto citado acima: "*Sou brasileiro, faço música brasileira, não por questão de nacionalismo, mas porque não sei fazer outra.*"

Patricia Leite
Travessia
05 setembro – 10 outubro, 2026

Patricia Leite (n. 1955, Belo Horizonte, Brasil) vive e trabalha em São Paulo.

Algumas das exposições individuais da artista incluem **Fondazione Istituzione Bevilacqua La Masa**, Venice (2025); **Intituto Tomie Ohtake**, São Paulo (2025); **Thomas Dane Gallery**, London (2024); **Mendes Wood DM**, New York (2022); **Thomas Dane Gallery**, London (2021); **Mendes Wood DM**, São Paulo (2020); **The Arts Club**, London (2019); **Mendes Wood DM**, Brussels (2018); **Mendes Wood DM**, São Paulo (2015); **Nara Roesler**, São Paulo (2009); **Museu de Arte da Pampulha**, Belo Horizonte (2005).

Adicionalmente, seu trabalho também foi incluído em exposições coletivas em **Casa da Cultura Comporta e Espaço Museológico Museu do Arroz**, Comporta (2026); **Museum Dhondt-Dhaenens**, Sint-Martens-Latem (2026); **Sala Curva,** São Paulo (2026); **Mendes Wood DM**, Bruxelas (2026); **Mendes Wood DM** em d'Ouwe Kerk, *Retranchement* (2025); **Mendes Wood DM**, Paris (2024); **Mendes Wood DM**, São Paulo (2023); **Pace Gallery**, Nova York (2022); **Mendes Wood DM** em d'Ouwe Kerk, *Retranchement* (2021); **Museum Dhondt-Dhaenens**, Sint-Martens-Latem (2020); **Thomas Dane**, Nápoles (2019); **Mendes Wood DM**, Bruxelas (2018); **Estação Pinacoteca**, São Paulo (2018); **Instituto Tomie Ohtake**, São Paulo (2016).

Suas obras também estão incluídas nas coleções permanentes: **Pinault Collection**, Paris; **Pinacoteca do Estado de São Paulo**, São Paulo; **Fiorucci Art Trust**, London; **Thyssen-Bornemisza Art Contemporary**, Viena; **Cranford Collection**, Londres; **Loewe Collection**, Madri; **Museu de Arte da Pampulha**, Belo Horizonte.